

## DESAFIOS E NECESSIDADES NA PROTEÇÃO SEXUAL ESCOLAR EM PELOTAS-RS: APONTAMENTOS INICIAIS

LOUISE DA ROSA DE OLIVEIRA<sup>1</sup>;  
DANIEL BRUNO MOMOLI<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – [louisedeoliveira@outlook.com.br](mailto:louisedeoliveira@outlook.com.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [daniel.momoli@ufpel.edu.br](mailto:daniel.momoli@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Proteção sexual no ensino básico: utilizando práticas artísticas como possibilidade no combate ao abuso sexual” que está sendo desenvolvido no curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O texto apresenta a fase inicial da pesquisa e ele tem como propósito: pesquisar sobre um levantamento inicial realizado com escolas públicas localizadas no município de Pelotas (RS), visando coletar informações sobre o tema da “Proteção Sexual nas Escolas”. O estudo busca investigar a existência de protocolos específicos para lidar com casos de violência sexual e compreender as percepções e sentimentos das e dos profissionais da educação em relação a esse tema, entendendo que trata-se de uma questão relevante para a educação na atualidade.

A inquietação que motivou essa pesquisa teve início no começo da minha graduação, quando ingressei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Durante esse período, que coincidiu com a pandemia (2020-2022), surgiram preocupações significativas em relação à segurança de crianças e adolescentes, uma vez que grande parte dos casos de violência sexual ocorre dentro das casas, perpetrados por familiares. Com os estudantes afastados das escolas devido à pandemia, a preocupação com a segurança dos alunos aumentou consideravelmente.

Durante o curso, ao ingressar no Estágio Supervisionado na Educação I e II do curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel e concluir minhas atividades no Programa Residência Pedagógica, constatei que ainda me sentia despreparada para lidar com casos de violência envolvendo crianças e adolescentes. Minha maior preocupação era a possibilidade de um aluno relatar que estava sofrendo abuso e eu não saber como proceder ou a quem recorrer para obter a ajuda necessária. Diante dessas incertezas, intensifiquei minhas pesquisas sobre o tema. Cada relato e notícia de jovens que sofreram essa violência aumentaram minha preocupação de um dia me deparar com uma situação semelhante.

Em maio deste ano, uma iniciativa do Ministério da Justiça e Segurança Pública, como parte da Campanha Nacional de Mobilização para o Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, resgatou 163 crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual e resultou na prisão de 314 adultos. A ação, realizada destacou a necessidade de enfrentar a violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, onde 81% dos casos ocorrem dentro de casa, geralmente por familiares.

De acordo com SAYÃO (2006): “Quando a instituição educativa denuncia suspeitas ou ocorrências de violência sexual, ela age para impedir que o abusador

volte a violentar essa ou outras crianças e adolescentes.” Por esse motivo, projetos que informem os alunos sobre seus direitos e capacitem os professores são essenciais para reconhecer e agir em casos de abuso sexual.

## 2. METODOLOGIA

O caminho metodológico da pesquisa foi construído com base na pesquisa qualitativa e para o levantamento de informações sobre os protocolos de proteção sexual nas escolas, utilizou-se do questionário como coleta de dados. O questionário foi aplicado em quatro escolas públicas localizadas no município de Pelotas (RS).

Na fase inicial foram distribuídos 280 questionários em quatro escolas públicas do município de Pelotas (RS), sendo duas escolas da rede municipal e duas escolas da rede estadual. O questionário é constituído de 16 perguntas, sendo 12 perguntas de múltipla escolha e 04 questões abertas para serem respondidas de forma dissertativa. As respostas são anônimas e os dados serão tratados com absoluto sigilo.

As informações que se almejam obter com esse levantamento são: informações gerais como nível e área de atuação de cada profissional; se a escola ou a rede possuía um protocolo específico para lidar com casos de violência sexual e se era de conhecimento de todos os funcionários e professores que atuavam na escola e se incluía procedimentos claros para lidar com casos de violência sexual envolvendo estudantes que frequentam a instituição. O questionário também permitirá mapear se a escola ou a mantenedora oferece ou já tinha oferecido formação sobre como lidar com casos de violência sexual e, em caso afirmativo, com que frequência esses treinamentos eram ou são realizados. Além disso, buscou-se saber se a escola ou a mantenedora disponibilizavam e ou disponibiliza de profissionais capacitados, como psicólogos e assistentes sociais, para orientar e apoiar em situações de violência sexual que envolvem os alunos e as alunas.

O questionário também procura compreender se as e os participantes acreditam que as e os profissionais da educação deveriam receber suporte especializado para lidar com possíveis casos de violência sexual. Outras questões são voltadas para identificar se as e os respondentes se sentiam preparados/as para oferecer suporte e acolhimento a um aluno ou aluna vítima de abuso e se sabiam a quem recorrer em caso de suspeita ou confirmação de violência sexual. O questionário também busca saber se os e as profissionais acreditavam que outros membros da comunidade escolar, como funcionários e familiares, deveriam ser incluídos como público-alvo desses projetos de proteção sexual.

Por fim, o questionário buscava identificar quais recursos ou suportes adicionais os participantes da pesquisa acreditavam serem necessários para lidar de maneira mais eficaz com casos de violência sexual na escola. Ele também investigava quais são os maiores desafios enfrentados ao lidar com esses casos, se as e os profissionais consideravam falar sobre proteção sexual um tema difícil e, em caso afirmativo, por quê. Além disso, o questionário solicitava a opinião dos professores sobre a implementação de programas de proteção sexual nas escolas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas instituições escolares onde iniciei a distribuição dos questionários, procurei primeiramente pela diretora, quando não estava presente, fui atendida pela

supervisora ou vice-diretora. Na primeira escola visitada, mantive uma longa conversa com a supervisora, durante a qual apresentei meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e expus os motivos que me levaram a realizar esta pesquisa. A supervisora considerou o tema relevante e de grande importância, destacando que já haviam ocorrido inúmeros casos na escola, muitas vezes revelados durante o processo de correção de matrícula, quando as mães desabafam.

Em outra escola, observei que a coordenadora demonstrou preocupação com a pesquisa. Embora tenha sido receptiva e educada, percebi tensão em suas expressões faciais. Reforcei que o questionário era anônimo, que nenhum professor deveria se sentir obrigado a responder e que aqueles que optassem por participar não deveriam identificar-se. Além disso, informei que qualquer dúvida poderia ser esclarecida com meu orientador. Prosseguindo a pesquisa em outra escola, fui recebida pela diretora, que também considerou o tema de grande relevância e compartilhou comigo, de forma anônima, alguns relatos de alunos que sofreram abuso sexual.

Desde o momento em que me dirigi à escola para implementar a pesquisa, a preocupação sobre como seria recebida e se os questionários seriam aceitos esteve presente em cada visita. Quando se trata-se de um tema como esse, a apreensão é compreensível, pois é um assunto sensível e perturbador. Segundo SAYÃO (2006): “Um dos maiores problemas com relação a esse tema é a dificuldade em falar de violência, principalmente contra crianças e jovens. Esse assunto nos causa mal-estar, sofrimento, impotência, raiva, medo, e muitas vezes a tendência é evitarmos o assunto ou nos afastarmos dele.”

Apesar da complexidade do tema, é imperativo que crianças e adolescentes conheçam seus direitos e saibam identificar situações de abuso. Tanto professores quanto estudantes necessitam dessas informações para que possam se proteger. Enquanto o silêncio prevalecer e a omissão persistir, muitas crianças e adolescentes continuarão sendo vítimas desse crime.

Se os/as profissionais envolvidos/as com a criança tivessem uma boa formação, capacitada a essa temática, a identificação de vítimas possivelmente tornar-se-ia mais fácil e rápida. Considerando que a escola deve ter como objetivo garantir a qualidade de vida de sua clientela, bem como promover a cidadania, é necessária a capacitação dos/as professores/as, como o conhecimento das leis que amparam a vítima e os direitos da criança e do/a adolescente, e de possíveis acompanhamentos psicopedagógico e psicológico individual para crianças abusadas sexualmente (LANDINI, 2011).

#### 4. CONCLUSÕES

Os achados iniciais do estudo apontam para a importância de ações que informem os alunos sobre seus direitos e capacitem os professores são fundamentais para reconhecer e agir em casos de abuso sexual. Além disso, percebe-se que é necessário implementar iniciativas que abordem esse tema com os alunos e as alunas, fornecendo-lhes informações sobre seus direitos e capacitando as e os profissionais da educação em serviço sobre como proceder em tais situações. Também é importante que o tema possa fazer parte dos currículos nos cursos de graduação para formação de educadoras e educadores,

pois é importante não apenas para o reconhecimento das vítimas, mas também para evitar a revitimização. Nessas situações, é comum não saber como agir, mas é essencial tomar uma atitude proativa e informada.

É necessário que os educadores não se calem ante a evidência de violência; que não se sintam atemorizados pela situação ou pela reação dos pais e que tenham segurança para acompanhar processos de apuração de responsabilidades por violação dos direitos da criança ou adolescente. (SAYÃO, 2006)

A cada etapa da pesquisa, percebo mais sua importância. Dados de denúncias, como os mencionados no início do texto, não representam nem metade dos casos que ocorrem em nosso país. Um levantamento realizado pelo UNICEF, em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), constatou que, a cada hora, cinco crianças ou adolescentes são vítimas de violência sexual no Brasil.

Diante desses dados alarmantes, a relevância da pesquisa se intensifica. A constatação de que muitas crianças e jovens estão sendo vítimas de abuso sexual torna necessário buscar medidas para protegê-los. Não devemos ser meros observadores, mas sim agentes ativos no combate ao abuso sexual. Ao silenciarmos essa luta, estamos nos ausentando de nossas responsabilidades e, potencialmente, nos tornando cúmplices de um ato tão desprezível e violento quanto o abuso sexual.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. 81% dos casos de violência contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de casa.** Disponível em: [LANDINI, T. S. \*\*O professor diante da violência sexual.\*\* São Paulo: Cortez, 2011.](https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/81-dos-casos-de-violencia-contras-criancas-e-adolescentes-ocorrem-dentro-de-casa#:~:text=ANIVERS%C3%81RIO%20DO%20ECA,81%25%20dos%20casos%20de%20viol%C3%AAncia%20contra%20crian%C3%A7as,adolescentes%20ocorrem%20dentro%20de%20casa&text=A%20viol%C3%AAncia%20contra%20crian%C3%A7as%20e,dentro%20da%20casa%20da%20v%C3%ADtima. Acesso em: 22 set. 2024.</a></p></div><div data-bbox=)

MIRANDA, A. C. T.; OLIVEIRA, M.; MAIO, E. R.. **Abuso sexual infantil e escola: enfrentamento e intervenções pedagógicas.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: desafios atuais dos feminismos, 10., 2013, Florianópolis.

SAYÃO, Y. **Refazendo laços de proteção: ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes:** manual de orientação para educadores. São Paulo: CENPEC: CHILDHOOD – Instituto WCF-Brasil, 2006.

ROSSI, M.. **A cada hora, cinco crianças e adolescentes são vítimas de violência sexual no Brasil.** El País, 22 out. 2021. Disponível em: